



# Sujeitos discursivos: transdisciplinaridade teórico-metodológica

## Dina Maria Martins Ferreira

Doutora em Linguística

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [dinaferreira@terra.com.br](mailto:dinaferreira@terra.com.br)

É pós-doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, sob a supervisão do Prof. Kanavillil Rajagopalan, com co-supervisão do Prof. Michel Maffesoli, Paris V, Sorbonne, Paris.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2585-497X>

## Waldenia Marcia da Silva Barbosa

Doutoranda em Linguística Aplicada

Universidade Estadual do Ceará, Ceará, Brasil.

E-mail: [waldenia.comunicacao@gmail.com](mailto:waldenia.comunicacao@gmail.com)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-9726>

## Ingrid Xavier dos Santos

Doutoranda em Linguística Aplicada

Universidade Estadual do Ceará, Ceará, Brasil.

E-mail: [ingridxaviersantos@yahoo.com.br](mailto:ingridxaviersantos@yahoo.com.br)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5660-6007>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Fluxo contínuo

**Volume 4**

**Número 2**

**Recebido em:** 15/08/19

**Aprovado em:** 27/09/19

## Resumo

Sendo o discurso o lugar em que o sujeito se constitui, o presente artigo propõe um paralelo sobre a concepção de sujeito em três correntes de abordagens discursivas: Análise Dialógica do Discurso, Análise do Discurso francesa, e Análise Crítica do Discurso. O objetivo deste estudo é compreender como essas três abordagens problematizam o sujeito e observar suas aproximações e distanciamentos. Ademais, este artigo enfatiza e ressalta a importância de uma visão transdisciplinar nos estudos da linguagem que considera e revisa as mudanças sociais vivenciadas pelos sujeitos.

**Palavras-chave:** Discurso. Sujeito. Sociológico. Ideológico.

## 1 Considerações iniciais

Com o advento de revisões das bases epistêmicas em estudos do discurso, a concepção de uma nova estrutura teórica fez-se necessária para promover uma ruptura com as bases tradicionais. Conforme Moita Lopes (2006), pensar em novos modos de teorizar advém do fato de os sujeitos (inter)agirem, em prol de mudanças sociais, culturais, políticas e históricas experimentadas pelos sujeitos. Para Fabrício (2006), essas revisões na base epistemológica são dadas através da concepção da linguagem como prática social, da concepção de não neutralidade das práticas discursivas e da aferição das semioses que circulam na sociedade e que conferem sentido às construções discursivas.

A relação entre sujeito e discurso constitui preocupações basilares para a concepção de sujeito, uma vez que, como elemento primordial no processo enunciativo, é através da intrínseca relação entre sujeito e linguagem que podemos extrair as possíveis significações que permeiam o processo de interação verbal. Ademais, se considerarmos que a nova Linguística Aplicada (LA) está ligada a uma proposta transdisciplinar que visa analisar os problemas reais que se manifestam pela/na linguagem, a Análise do Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH, 2003) torna-se, assim, uma disciplina importante, que nos fornece bases metodológicas para analisarmos as condições de produção de um determinado enunciado e as diversas axiologias que as perpassam. Além da disciplina supracitada, fazem parte desta importância transdisciplinar a Análise do Discurso francesa (AD) (PÊCHEUX, 1990) e a Análise Dialógica do Discurso (ADD) (BRAIT, 2006)<sup>1</sup>.

Uma vez que novas epistemes se interessam pelos problemas da linguagem em uso, compreendendo-a assim como um fenômeno social, os estudos mais recentes (cf. MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006) buscam metodologias que possibilitam uma reflexão sobre as interseções entre linguagem, cultura, sociedade e subjetividades. E sob a égide da transdisciplinaridade, neste estudo, fazemos um apanhado sobre a concepção de sujeito em três correntes significativas de abordagens discursivas. O intuito é traçarmos pontos de encontro e de desencontro sobre os sujeitos nas três vertentes discursivas, mesmo que as abordagens elencadas sejam de períodos históricos distintos, mas essas coadunam ao priorizar a importância do sujeito no ato de enunciar:

A AD nos permite trabalhar com noções que vislumbram a relação língua(gem)-sujeito a partir da alteridade. Concebe-se o sujeito não como mero ser racional, dotado de consciência e intenções, mas como efeito de linguagem, sendo, pois, descentrado, cindido, passível de ser capturado não por meio de uma identidade pronta e acabada, e sim por movimentos identificatórios, que se dão por meio da relação com o(s) outro(s)/Outro, resultando em (des)contínuos

---

<sup>1</sup> Na abordagem das três correntes, utilizamos uma ordem baseada na data histórica: ADD, AD e ADC, que se referem aos itens 2, 3 e 4 deste artigo. No item 5, Conexões interdisciplinares, invertemos a ordem tendo por critério o sujeito de menor ação para o de maior ação: AD (sujeito-assujeitado), ADD (sujeito responsivo) e ADC (sujeito-agente). E no item 6, Considerações finais, a ordem é livre.

processos de (des)arranjos de subjetividades (BRITO; GUILHERME, 2013, p.25).

Para tornar este processo mais elucidativo, analisamos um mesmo discurso sob o aparato das três propostas teórico-metodológicas. Nosso *corpus* analítico é uma tirinha da Mafalda (QUINO, 2003), que pode ser analisado a partir de três vertentes dos estudos do discurso: Análise Dialógica do Discurso (ADD) (BAKHTIN, 2006; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004 GERALDI, 2010), desenvolvida a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin, que concebe o sujeito na trama enunciativa; Análise do Discurso (AD) de orientação francesa (PÊCHEUX, 1990; ORLANDI, 2015, 2005); e Análise do Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH, 2003). E é pelos atributos argumentativos de cada vertente que chegamos à possibilidade de nos ater a uma perspectiva transdisciplinar entre tais correntes em relação ao sujeito discursivo e sua *práxis*.

## 2 Sujeito: Análise Dialógica do Discurso (ADD)

Observando a arquitetura teórica do Círculo de Bakhtin<sup>2</sup>, observam-se sujeitos em seus respectivos lugares sociais que são evocados a interagirem em sua comunidade, provocando sempre ações responsivas.

Bakhtin/Volochínov (2004) endossa que o indivíduo se apresenta como um fenômeno puramente sócio-ideológico, o que nos leva à ideia de que a construção do sujeito se dá por vias discursivas, nas quais diversas ideologias permeiam seus enunciados. Se a constituição discursiva do sujeito se dá dialogicamente, então, quando o sujeito se insere na cadeia de interação verbal e toma para si as vozes que o circundam, essas vozes proferidas por outrem, ao serem absorvidas pelo sujeito, deixam de ser a expressão do outrem e tornam-se as vozes do **eu** (sujeito). E é pela palavra, ideologicamente carregada de sentidos, que essa inter(ação) ocorre:

Toda **palavra** serve de expressão a um em relação ao outro. Na **palavra**, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A *palavra* é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em e a outra no interlocutor. A **palavra** é o território comum entre o falante e o interlocutor. (BAKHTIN /VOLOCHÍNOV, 2004, p.115) (grifo nosso)

Vale a ressalva de que a **palavra**, por sua vez, está inserida em uma cadeia de enunciados infinitos e que conseqüentemente constroem diálogos em um contínuo processo (devir). Bakhtin (2006) ratifica que somente o enunciado tem relação direta com a realidade da pessoa viva falante (sujeito), conseqüentemente, é dentro dessa

---

<sup>2</sup> Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochínov (ou Voloshínov) e Pavel N. Medvédev são os nomes de maior destaque de um grupo de intelectuais que se reunia regularmente de 1919 a 1929, nas cidades de Nevel, Vitebsk e São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado), cidades situadas na Rússia (FARACO, 2003, p.15). Bakhtin e o Círculo estudavam a linguagem através da sua natureza filosófica, compreendendo que esta é um fenômeno social da interação verbal. Ressaltamos que nem Bakhtin, nem Volochínov e nem Medvédev sistematizaram um arcabouço metodológico em seus estudos. Tal sistematização só veio ocorrer através dos comentadores das obras do Círculo, dentre eles, destaca-se a Análise Dialógica do Discurso, termo cunhado por Brait (2003).

cadeia de enunciados que se dá o contato entre língua e realidade social. Este processo de construção dos sujeitos, na cadeia enunciativa, não é constitutivamente pacífico, pois o sujeito jamais é subordinado aos discursos sociais, ou seja, o sujeito bakhtiniano é responsivamente ativo em relação ao discurso do **outrem**, e esta responsividade é materializada nas respostas, sejam internas ou externas ao sujeito. Segundo Fiorin (2006), o sujeito bakhtiniano é constituído pelas relações sociais de que esse participa, cuja subjetividade não o faz ser submisso às estruturas sociais nem tampouco independente da sociedade.

De acordo com Geraldi (2010), o sujeito em Bakhtin é marcado por algumas características. A primeira refere-se à responsabilidade, em que “[t]eríamos uma **unidade** cuja argamassa é a responsabilidade” (GERALDI, 2010, p. 2, grifo do autor). Ainda que sejamos uno, enquanto ser-evento, pelo princípio da responsividade do eu, enquanto sujeito precisa refletir o outro, pois é através do outro que se é significado. A segunda refere-se à consciência, ou seja, ao aceitar a responsabilidade, o eu-sujeito a faz de modo consciente e com controle daquilo que faz. Bakhtin/Volochinov (2004, p.35) nos diz que “A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis”. Deste modo, percebe-se que a consciência é resultado da materialização dos signos, e esta não se refere a apenas a um sujeito, mas sim a um grupo social com o qual o sujeito interage. A terceira é o seu caráter respondente, ou seja,

a responsabilidade **responsiva** tem dupla direção, tanto para o passado quanto para o futuro, ainda que concretamente ela seja sempre realizada no presente. O encadeamento infinito, assim proposto, dá um sentido novo à unicidade do evento: único, mas não isolado. (GERALDI, 2010, p.6) (grifo do autor)

Essa responsabilidade responsiva do sujeito caracteriza o seu poder de agenciamento. E a quarta diz respeito a sua incompletude, insolubilidade e inconclusão, que são características estéticas<sup>3</sup> que mostra como o outro, do seu horizonte social, percebe o eu-sujeito e lhe afere qualidades que o eu-sujeito não tem acesso. Esse processo, não linear e unidirecional, é dinâmico e bidirecional, porquanto tanto o eu quanto o outro são afetados nesse processo de construção identitária.

Segundo Bakhtin (2006), o sujeito constitui um ser-evento único demarcado pelo tempo em que a construção da sua identidade é dada através do passado, do presente e do futuro:

---

<sup>3</sup> A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa. O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra. (BAKHTIN, 2006)

[...] minha justificação está sempre no futuro, e essa justificação, sempre à minha frente, revoga o meu passado e o meu presente para mim em sua pretensão à já-presença contínua, ao repouso no dado, à auto-suficiência, à realidade verdadeira da existência em sua pretensão a ser eu essencialmente em tudo, a me definir completamente na existência (na pretensão de meu dado a declarar-se eu em tudo, verdadeiramente eu, à impostura do dado). A realização futura não é para mim mesmo uma continuação orgânica, um crescimento do meu passado e de meu presente, o coroamento deles, mas a eliminação essencial, a sua revogação, assim como a graça não é o crescimento orgânico da natureza pecadora do homem. O que no outro é aperfeiçoado (categoria estética), em mim é novo nascimento. (BAKHTIN, 2006, p.111)

E, através do fenômeno da temporalidade, temos a quinta característica do sujeito bakhtiniano – um ser datado: “Ser datado e situado limita as condições de nossa constituição em sujeitos, mas por participarmos da construção do grande tempo da humanidade, deixamos hoje rastros do passado no que será futuro” (GERALDI, 2010, p.9). Esta última característica do sujeito bakhtiniano nos diz que esse sujeito é movediço, fluido, um ser “fora do comando”.

A tirinha, a seguir, nos mostra como o sujeito bakhtiniano se constitui:

**Figura 1** – Tirinha da Mafalda – ADD



**Fonte:** Quino, 2003

O sujeito para a ADD é um sujeito construído sócio-histórico-ideologicamente, e é partindo do lugar socialmente demarcado que se configuram os sujeitos envolvidos no processo enunciativo. Sob uma perspectiva macro-discursiva, temos três sujeitos envolvidos – Mafalda, Miguelito e o prefeito. Mafalda é uma menina de seis anos, muito preocupada com o futuro; personagem que possui um agudo senso crítico questionando as ordens sociais, rebelando-se contra o machismo, o sexismo, o capitalismo selvagem que pressiona os países da América Latina, os chamados pelo senso comum de países subdesenvolvidos – sujeitos de um dado momento do século XX, mas que se fazem presentes até hoje.

Miguelito, por sua vez, já é o anverso de Mafalda; é a representação do sujeito egocêntrico, contudo, um menino sincero em suas ponderações. Já o prefeito é um

sujeito coparticipante do ato de enunciar, pois ele é o assunto político dos dois sujeitos principais.

Na perspectiva micro, no primeiro quadrinho, Miguelito queixa-se com Mafalda por não compreender bem as relações sintáticas entre sujeito e predicado. No segundo quadrinho, ao chegarem a um determinado local da rua, que está sujo, Mafalda faz uma pergunta a Miguelito ainda no contexto das relações sintáticas, no entanto Miguelito afere a pergunta de Mafalda de acordo com o que ele vê na rua e com suas axiologias. Primeiro, Miguelito mostra-se responsável, pois ele, enquanto cidadão, confere a outro sujeito a responsabilidade de falta de limpeza da rua, pois a matéria sîgnica representada pelo **lixo** o faz refletir e transpor qualidades (neste caso defeitos) a outro sujeito, o prefeito. Miguelito também é um sujeito respondente, pois, ainda que circule na sociedade enunciados a respeito da má gestão pública dos políticos e se o prefeito da cidade de Miguelito fosse cumpridor de suas obrigações, mesmo que haja esse discurso de irresponsabilidade política, não caberia a Miguelito dizer que seu prefeito é o responsável pela sujeira da rua, visto que esse sujeito, em princípio, cumpriria com suas obrigações.

Miguelito, do seu horizonte social, de criança e cidadão, traz acabamentos<sup>4</sup> ao sujeito prefeito que esse não tem acesso. Assim, Miguelito ratifica a identidade social que se tem a respeito de gestores públicos como displicentes, e ele, Miguelito, se constrói também como cidadão proativo que reconhece o sujeito responsável pela falta de limpeza da cidade.

Conforme já anotamos, o sujeito na ADD é datado e sua identidade se constrói através do passado, presente e futuro. No caso do prefeito, discursos negativos são vinculados à identidade do prefeito, ao não cumprir devidamente o papel de gerir a cidade, e esses discursos negativos ratificam os outros discursos que ecoam na cadeia enunciativa que compõem a identidade discursiva do mesmo. Trata-se de discursos que circulam na sociedade, não apenas no momento da enunciação, mas também antes dela, momentos que provavelmente vão ecoar em uma cadeia enunciativa ininterrupta.

No que tange tanto a Miguelito quanto ao prefeito, percebem-se as características de fluidez e a mobilidade identitária, pois enunciados vão sendo acrescidos a esses sujeitos transformando-os. Em Miguelito, por exemplo, ainda que seja um menino egocêntrico, ele se preocupa com a organização da sua cidade, uma vez que, certamente, ele sabe que aquele prefeito foi eleito através do voto popular e a má administração do gestor público causa danos a toda sociedade. Vemos que nesse processo tanto Miguelito se constrói enquanto sujeito, sendo proativo, crítico e possivelmente preocupado com a cidade, quanto o prefeito, enquanto mal gestor, possivelmente corrupto, dentre outros adjetivos.

---

<sup>4</sup> “Estes **acabamentos estéticos** resultam da necessidade absoluta do outro, da alteridade, pois somente o outro com sua visão, com sua memória, pode unificá-lo, dar-lhe individualidade”. (GERALDI, 2010, p.8) (grifo do autor)

### 3 Sujeito: Análise do Discurso (AD)

A AD é uma das disciplinas que nasce no bojo da crítica ao formalismo linguístico, ao representacionalismo e às teorias idealistas do sujeito. Em sua perspectiva, a linguagem só é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (cf. ORLANDI, 2015). Para a AD, a linguagem é uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social e essa mediação se dá pela via do discurso, aqui definido como prática da linguagem. A AD procura associar a teoria linguística às ciências sociais trazendo a noção de sujeito para o centro de sua teoria e compreendendo o discurso como objeto sócio-histórico. Ao problematizar a relação do sujeito com o sentido, a AD também problematiza a relação da língua com a história. Nesta visão, nem o sentido nem o sujeito são dados *a priori*, eles se constituem no discurso. A construção da identidade do sujeito acontece na interação com o outro através do texto, do discurso. É nesse espaço discursivo criado pelo **eu** e pelo **tu** que se constituem os interlocutores e o sentido (cf. BRANDÃO, 2004).

Rejeitando a ilusão de um sujeito onipotente e reconhecendo a presença da ideologia e do inconsciente de forma material na constituição de um sujeito descentrado, Pêcheux (1990) propõe, uma teoria materialista e não subjetivista da enunciação. Por não-subjetivista compreende-se uma teoria na qual o sujeito não é o centro nem a origem do dizer. Essa perspectiva é influenciada por Althusser e Freud gerando uma teoria centrada nas relações entre inconsciente e ideologia. De acordo com Orlandi (2015), a AD percebe o sujeito em sua dimensão linguística, histórica e psicanalítica. Para a autora, ao inscrever-se na língua, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia:

O sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso. (ORLANDI, 2005, p.2)

É, portanto, pela ideologia que acontece a constituição do sujeito. Como afirma Pêcheux (1990, p.147), “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes correspondem”. De forma simplificada, podemos dizer que o indivíduo expressa sua visão de mundo utilizando-se de formações discursivas (conjunto de possibilidades de fala que, dependendo da posição – histórica e social – do indivíduo, ele pode utilizar), no entanto, para ver o mundo, ele se utiliza de lentes (ideologia), e é a partir do que essas lentes lhe permitem enxergar que ele se expressa e faz uso de determinadas formações discursivas e não outras. A identificação do sujeito ocorre durante esse processo de interpelação ideológica.

É por isso que Orlandi (2015, p.48) aponta para o caráter contraditório da forma-sujeito que é ao mesmo tempo livre e submisso: “Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”. Aliás a

ambiguidade é constitutiva da noção de sujeito, de forma que podemos falar, paradoxalmente, em uma subjetividade livre para tomar iniciativas e fazer escolhas, porém assujeitada a uma ordem superior que lhe impõe coerções na produção, cerceando sua liberdade. (BRANDÃO, 2004, p. 80)

A constituição desse sujeito ocorre (cf. ORLANDI, 2005), em dois movimentos ou momentos: (1) aquele sujeito, que afetado pelo simbólico na história, é interpelado pela ideologia e se subjetiva – tornando-se sujeito –, o que nos faz deparar com a ilusão de um sujeito que se acredita senhor do seu dizer; e (2) aquele sujeito, em que o movimento da forma-sujeito histórica materializada pela interpelação da ideologia, passa por um processo de individualização provocada pelo Estado e suas instituições.

Na tirinha da Mafalda,

**Figura 2** – Tirinha de Mafalda – AD



**Fonte:** Quino, 2003

Mafalda e Miguelito falam a partir de pelos menos três posições: (1) a posição de alunos (comentam sobre aspectos teóricos da sintaxe textual ensinados pela professora); (2) a posição de amigos; e a posição de cidadãos (ao observarem o problema do lixo na rua). Cada uma dessas posições pressupõe um conjunto de enunciados possíveis dentro do contexto histórico espacial apresentado.

Na fala do primeiro balão, estão expressas ao menos duas relações entre sujeitos. A primeira se refere à relação professor-aluno, através da qual se revela o poder do conhecimento da professora *versus* a dificuldade de compreensão do aluno. Nesta relação, Miguelito se ressentido de não conseguir compreender a explicação da professora e sente-se culpado, admitindo sua incapacidade para alcançar esse conhecimento. Esta relação é perpassada por uma ideologia presente no senso comum que imputa ao ensino de língua a característica de ser uma tarefa difícil associada geralmente ao conteúdo gramatical. Essa mesma ideologia credita ao aluno

o **trabalho** de aprender, e não questiona o professor sobre seu jeito de ensinar. A segunda relação, ainda no primeiro quadrinho, diz respeito à relação entre os sujeitos falantes da situação, que se apresentam como amigos e iguais. Dentro desta relação, Miguelito sente-se confortável para admitir sua alegada incapacidade de entendimento. Pressupondo que ele estivesse conversando com a professora, ou com sua mãe ou mesmo um outro aluno que não fosse seu amigo, é possível que ele se expressasse de outra forma.

No segundo e terceiro balões, o diálogo caminha para um contexto diferente da escola. Tentando ajudar Miguelito a entender quais seriam as relações sintáticas representadas por sujeito e predicado, Mafalda cita uma oração que representa uma situação real verificada pelos dois no trajeto para casa e pede que o amigo indique o sujeito da frase **Esse lixo enfeia a rua**. A resposta de Miguelito não abstrai o contexto gramatical da língua, mas, em vez de julgar apenas os aspectos sistêmicos da língua, leva em consideração a representação no mundo real que a linguagem evoca, ou seja, dialoga com aspectos semânticos e não apenas com aspectos sintáticos como desejava Mafalda. É por isso que, quando Miguelito responde **O prefeito**, ele introduz um terceiro sujeito e interlocutor no discurso, evocando a qualidade de alguém que gerencia a cidade e que é responsável por sua limpeza. A compreensão da última fala só é possível quando entendemos o papel de um prefeito e que a palavra sujeito para Miguelito tenha significação diferente da palavra sujeito para Mafalda. O humor da tirinha reside neste desencontro de contextos.

Na tirinha é possível ainda perceber um conceito caro à AD que é o de dispersão do sujeito, na medida em que reconhecemos o desdobramento dos papéis do sujeito conforme as diferentes posições que ocupam dentro de um mesmo texto. As diferentes vozes presentes no texto são regidas por funções atribuídas ao sujeito falante, distinguindo-se como locutor, enunciador e autor (cf. BRANDÃO, 2004). Locutor é a função que representa o **eu** no discurso – no discurso-tirinha, seriam os que falam, Mafalda e Miguelito –; enunciador é a perspectiva que esse **eu** constrói – Mafalda dá voz à professora em relação ao desconhecimento do aluno Miguelito e Miguelito dá voz às dúvidas de aluno e a de cidadão indagando sobre o fazer político; e autor é a função social que esse **eu** assume enquanto produtor da linguagem – Quino é o autor que se traduz criticamente pelas vozes de Mafalda e Miguelito enquanto os **eus** dos locutores/enunciadores. Conforme Brandão (2004), o princípio do autor funciona como uma das ordens reguladoras do discurso – função responsável pelo agrupamento do discurso como unidade, excluindo os elementos destoantes, centralizando as vozes e provocando a ilusão do discurso monológico.

Nesse ponto, a AD se aproxima da ideia de polifonia elaborada por Bakhtin (2006), que opõe um discurso polifônico, tecido pelo discurso do outro, a um discurso monológico. A polifonia estaria representada pela presença de várias vozes que falam simultaneamente no texto representadas por diferentes **máscaras**. Na tirinha,

teríamos a voz (atores sociais) do professor, do aluno e a da sociedade no tocante à administração pública.

Temos, pois, na AD um sujeito descentrado, dividido e incompleto. Descentrado porque apresenta várias vozes, dividido porque opera em nível consciente e inconsciente e incompleto porque se constitui na falta, no movimento, na relação. Há um contínuo entre estrutura e acontecimento, porquanto não há

nem o exatamente fixado, nem a liberdade em ato. Sujeitos ao mesmo tempo à língua e a história, ao estabilizado e ao irrealizado, os homens e os sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem. No discurso, no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade (ORLANDI, 2015, p. 51).

#### **4 Sujeito: Análise do Discurso Crítica (ADC)**

Na ADC, estruturas e eventos também são a base para a construção dos significados e dos sujeitos. A abordagem discursiva da ADC, desenvolvida por Fairclough (2003), também compreende o discurso como um processo social e dialógico. Os textos se inserem em práticas discursivas que, por sua vez, se inserem em práticas sociais. Sendo uma perspectiva teórico-metodológica sobre a linguagem e, de maneira geral, sobre a semiose, a ADC propõe uma reflexão crítica transdisciplinar que congrega de forma cooperativa o dialogismo e os gêneros propostos por Bakhtin, a arqueologia e a noção de ordem do discurso de Foucault (1996) e as bases da linguística sistêmico-funcional de Halliday (1985, apud COSTA; CASTRO, 2014, p. 442).

Na obra de Fairclough (2003), o conceito de sujeito é referenciado pelo conceito de agência. Embora se perceba a influência da ideologia na formação das estruturas e ordens discursivas, a ADC adota o papel do sujeito falante como um agente que pode identificar o modelo de funcionamento dessas estruturas e promover mudanças. Aliás, o comprometimento com a mudança social é central para a ADC.

Fairclough (2003) propõe uma teoria crítica de caráter emancipatório fundamentado na compreensão de que uma das maneiras pelas quais as pessoas podem agir e interagir no curso de eventos sociais é pela fala ou pela escrita. E essa atuação (agência) é papel do sujeito, em que desigualdade e ideologia são constituintes. Por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, a ADC busca desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação em prol de suas desarticulações. Essa proposta emancipatória ancora-se na visão de que o poder é temporário, baseado em relações hegemônicas assimétricas, conquistadas principalmente pelo uso de ordens discursivas para instaurar, reforçar e sustentar, através da ideologia, discursos particulares que se transformam em consensos, cujas formas hegemônicas de dominação são passíveis de mudança e superação. Para a perspectiva crítica da ADC, ideologia é um conceito inerentemente

negativo, pois sua função se restringe a estabelecer e a sustentar relações de dominação.

Esse autor aponta a estrutura e a prática social conjuntamente como agentes sociais, cujos poderes causais são responsáveis pelas características de um texto. A presença desses dois fatores (agentes sociais e estruturas/práticas sociais) mostram a relação entre o sujeito e sua inscrição social, afetada em grande parte pela ideologia na construção do discurso. Este autor ressalta que os “agentes sociais não são ‘livres’, [mas] são socialmente restritos, [pois] suas ações não são na totalidade socialmente determinadas”<sup>5</sup> (FAIRCLOUGH, 2003, p.22). Tal inferência resulta da concepção de que há uma relação de interdependência entre estrutura e agência, de forma que seres humanos não criam estruturas sociais, mas as (re)produzem à medida em que as utilizam como condições para suas atividades:

A sociedade existe em virtude da agência humana, mas não é redutível a ela, e vice-versa. Como Sayer (2000, p. 19) exemplifica, ações sempre pressupõem recursos pré-existentes e meios; “falar pressupõe uma língua; uma língua, uma **comunidade** e **recursos materiais** como cordas vocais ou outros meios de se efetuar sons inteligíveis”. Tal postura implica que **sociedades** e indivíduos, ou **estruturas** e agência humana não são redutíveis a um, mas, sim, causalmente interdependentes. [...] a relação entre estrutura e agência tem caráter dual: estrutura é condição sincrônica, causa **material**, mas também é resultado diacrônico da atividade humana, a qual, por sua vez, reproduz e transforma essa causa material. (RAMALHO; RESENDE, 2011, p.38) (grifos nossos)

São nestes espaços – sociedade, comunidade, estruturas, recursos materiais – que ocorre a atuação do sujeito permitindo que ele perceba e questione a estrutura subjacente às práticas sociais. Embora haja limitações no processo de tessitura dos textos (como as convenções de gênero e a própria gramática), os agentes têm seus próprios **poderes causais** que não são redutíveis aos poderes causais das estruturas e práticas sociais.

A ADC compreende que a semiose atua de três maneiras distintas: como prática social, como representações sociais e como desempenho de posições particulares. Essas maneiras correspondem respectivamente aos gêneros discursivos, aos discursos propriamente ditos e aos estilos. Na ADC, um sujeito se constitui pelas diferentes posições que ocupa a partir da ordem do discurso, que é o resultado da interrelação dessas três maneiras de atuação e significação da semiose. A noção de sujeito seria, então, o produto da condensação da dialogia bakhtiniana e da dispersão foucaultiana<sup>6</sup>.

Fairclough (2003), ao nos oferecer três tipos principais de significado – acional, representacional e identificacional –, evoca o discurso como prática social no que tange aos modos de agir, de representar e de ser. E é como os três sujeitos da tirinha inserem sua prática social, ou seja, os modos de representação de aspectos do

---

<sup>5</sup> Tradução nossa. Texto original: “Social agents are not ‘free’ agents, they are socially constrained, but nor are their actions totally socially determined” (FAIRCLOUGH, 2003, p.22).

<sup>6</sup> Cf. COSTA; CASTRO, 2014.

mundo, os quais podem ser representados diferentemente, de acordo com a perspectiva de mundo adotada.

Na tirinha de Mafalda,

**Figura 3** – Tirinha de Mafalda – ADC



**Fonte:** Quino, 2003

O discurso enunciado evoca um problema social de cunho linguístico evidenciado pela ideologia. Podemos identificar estas questões nas relações hierárquicas de poder representadas pelos sujeitos discursivos, **Mafalda, Miguelito** e **prefeito** em práticas de atores sociais: **professor-aluno** na escola, evidenciadas na primeira fala de Miguelito, e as relações hierárquicas de poder entre **políticos/cidadãos** presentes na última fala de Miguelito. Em ambas as situações, a preocupação da ADC é tornar evidente a ação da ideologia na representação e manutenção dessas relações para, a partir da tomada de consciência, propor mudança no discurso e, conseqüentemente nas relações. Temos, então, a *práxis* social empregada pelos sujeitos discursivos que representam atores sociais, ou seja, os sujeitos, ao se relacionarem com as/os outras/outros, veiculam atores sociais. Tanto os sujeitos discursivos quanto os atores sociais podem complementar-se, podem cooperar uns com os outros, competir uns com os outros, dominar os outros. Por meio da categoria, sentido representacional, pode-se identificar os diferentes discursos articulados e a forma como são articulados em um texto. De acordo com suas posições, os atores sociais representam a vida social, com diferentes discursos e produzem representações de práticas específicas, bem como representações 'reflexivas' de sua própria prática.

Até porque,

diferentes discursos [enunciados] são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, de suas identidades pessoal e social, e das relações sociais que elas estabelecem com outras pessoas. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124)

E ratificando o significado representacional<sup>7</sup> (FAIRCLOUGH, 2003), ou seja, a forma de como o discurso figura como representação do mundo material, temos na tirinha da Mafalda a representação de um sistema falido: tanto a escola, quanto o governo falham nas suas tarefas de ensinar e zelar, respectivamente. O discurso-tirinha, então, carrega um aspecto crítico em relação ao sistema político e social no qual está inserido e convida os leitores a uma reflexão. Essa leitura crítica é também uma forma de ação no mundo, ou seja, linguagem como elemento da prática social.

## 5 Conexões transdisciplinares

A constituição do sujeito em cada uma das abordagens do discurso pode ser compreendida a partir dos conceitos de ideologia nos quais se ancoram. Esses conceitos ora se aproximam, ora se distanciam, criando pontos nodais entre as diferentes análises do discurso. Embora as três abordagens partam do conceito marxista de ideologia, cada uma elegeu uma releitura distinta das ideias de Marx sobre o termo.

Segundo Mussalim (2012), a AD foi fortemente influenciada pelas ideias de Althusser ao propor a existência dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) – escola, igreja, família, mídia – como recursos da classe dominante que continuamente moldam os indivíduos. A ideologia seria, dessa forma, o instrumento pelo qual os indivíduos se tornam sujeitos, onde ocorrem as relações de dominação e de assujeitamento. Ou seja, o discurso é a materialização da ideologia em que o sujeito é sempre assujeitado, apesar de ele ter a ilusão de ser o dono de seu dizer, quando, na realidade, reproduz a ideologia que lhe permite enunciar. Os indivíduos se constituem em sujeito exatamente na interpelação da ideologia que cria o falseamento da liberdade através de um trabalho ideológico de memória e de esquecimento no qual os sentidos são dados como já postos, embora se saiba que esses são historicamente constituídos. A AD considera a presença e a importância da ideologia na determinação e manutenção de sentidos como uma força invisível e indomável – e o sujeito é prisioneiro desta armadilha.

O círculo de Bakhtin se contrapõe a essa visão. Na ADD, o sujeito bakhtiniano reflete e refrata os discursos dominantes, cabendo a ele a decisão do assujeitamento ou não às ordens de discursos que circulam na sociedade. Sériot (apud Piffer, 2015, p. 27) afirma que “o sujeito em Bakhtin é um indivíduo concreto, real, único, ancorado numa situação”. Esse indivíduo está sempre em diálogo com outros indivíduos. Para Bakhtin e seu círculo, todo signo é ideológico na medida em que

---

<sup>7</sup> Fairclough (2003) afirma que o discurso significa de três diferentes modos que são interdependentes. Cada um destes modos constitui um tipo de significado, a saber: acional, representacional e identificacional. Esses significados se relacionam às principais maneiras como o discurso figura em práticas sociais: como modos de agir (gêneros do discurso), modos de representar (discursos propriamente ditos) e modos de ser (estilos). Eles são baseados na gramática sistêmico-funcional de Halliday que propõe três macro-funções da linguagem (ideacional, interpessoal e textual). Para a análise descrita neste artigo elegemos o significado representacional.

refletem e refratam a realidade carregando em si diversas interpretações e juízos de valor. Para Bakhtin, a ideologia não está relacionada a falseamento ou assujeitamento, mas se relaciona à significação que um determinado grupo dá à realidade.

Já na perspectiva da ADC, baseada na leitura que Thompson (1995) faz de Marx, ideologia é um conceito eminentemente negativo que se caracteriza pela atribuição de sentidos a serviço do poder (RAMALHO; RESENDE, 2011). Assim, as operações ideológicas servem para sustentar relações de dominação através da manutenção de hegemonias que trabalham de forma a tornar universais discursos particulares.

O conceito de hegemonia é fundamental para compreender a diferença entre ADD e ADC. De acordo com o Círculo de Bakhtin, Medvédev (2012, p.48-49) postula que

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas 'almas' das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados *nas palavras*, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de *um signo determinado*. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem.

E, no mesmo sentido, a indissociabilidade entre signo e ideologia vai ser afirmada de maneira ainda mais categórica, ou seja,

[...] tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia* [...] O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p.29, 31-32) (grifos do autor).

Enfim, uma perspectiva ideológica na qual circulam valores morais, referências religiosas, concepções políticas e filosóficas, diante heterogeneidade e da contraditoriedade das forças em confronto sob o influxo de tendências centrípetas e centrífugas:

Com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.15)

Já Fairclough (2006) a toma de Gramsci que caracteriza a hegemonia como uma forma de equilíbrio instável, e, portanto, provisório. As lutas hegemônicas consistiriam na tentativa de uma determinada classe de manter o poder. A primeira característica da ideologia seria sua invisibilidade, pois ela se efetiva “quando sua

ação é menos visível” (p. 85), porquanto “não se deve pressupor que as pessoas têm consciência das dimensões ideológicas de suas práticas (p.120). Para Fairlough (p.160), os sujeitos “não são apenas preposicionados na forma como eles participam de eventos sociais e de textos, eles também são agentes sociais”, cuja eficácia está nas interações sociais, vinculada aos sentidos do discurso.

Ao compreender o poder hegemônico como algo temporário, este autor aponta para a possibilidade de resistência e de transformação do sujeito. Temos na ADC um sujeito que, embora interpelado pela ideologia que assegura a manutenção de um discurso hegemônico, tornando universal um discurso particular, é chamado à emancipação por meio da transformação de estruturas através de eventos sociais. Para a ADC, a invisibilidade da ideologia não resiste a uma análise mais atenta. O desvelamento da atuação ideológica permite a mudança de discurso e, com isso, a mudança social. Essa capacidade de agir criticamente do sujeito da ADC o torna diferente do sujeito assujeitado da AD.

As três abordagens do discurso convergem ao caracterizar o sujeito como socialmente constituído e numa constante relação com o(s) outro(s). Enquanto na teoria bakhtiniana a presença do outro é importante para a construção do discurso e do próprio sujeito, na AD e ADC este outro é ofuscado pela sociedade e suas relações materializadas pela ideologia. Bakhtin (apud PIFFER 2015, p. 29) declara que “uma ideia que se mantenha apenas na consciência individual morre, ao passo que em relação dialógica com as ideias de outros começa a ter vida”. Na AD, ADD e ADC o discurso é sócio-historicamente constituído o que o torna um constructo coletivo, nunca individual, inclusive a ADD postula que “a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior [do discurso], revela-se um produto total da inter-relação social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2004, p.120).

Outra semelhança reside no fato de que nas três análises do discurso os sujeitos estão histórica e socialmente situados em um contexto, que, ao ser acessado, nos permite uma aproximação com os sentidos dos enunciados produzidos por eles.

## **6 Considerações finais**

O intuito desse estudo, ao desenvolver a concepção de sujeito em três correntes significativas de abordagens discursivas – ADD, AD e ADC – foi delinear a importância do sujeito discursivo no estudo da linguagem cujos pontos de encontro e de desencontro salientam tal importância.

A ampliação de percepção sobre os sujeitos discursivos em três vertentes chama a atenção para o lugar sócio-histórico em que esse sujeito fala, visto que não estamos lidando com um sujeito cartesiano, centrado e homogêneo, mas sim de um lugar de fala que parte de um pensar e agir linguístico multissituado e transdisciplinar. Os sujeitos discursivos da ADD, AD e ADC recebem e produzem modos distintos em relação à interpelação do poder, em que a ideologia os constitui,

seja no condicionamento da própria formação discursiva, seja na sua prática agentiva.

Nenhum desses sujeitos está alheio ou imune à interferência da ideologia. Seja para ADD, em que o sujeito aciona sempre o seu componente responsivo para agir dentro das ideologias de modo a aferi-las ou refutá-las, seja na AD, em que o sujeito é um refém das ideologias, e seja na ADC em que os sujeitos são convocados a agir e a transcender essas ideologias, a fim de transformar uma determinada realidade, porquanto a ideologia atua na sociedade como um elemento construtor de identidades, independente do posicionamento ideológico de cada um desses tipos de sujeito discursivo.

As análises da tirinha não privilegiaram nenhuma corrente, como a mais adequada ou a mais completa, e nem poderiam. Todavia o nosso pensar orienta-se para refletir sobre os seguintes questionamentos: Qual o papel do sujeito no ato de enunciar? Quais são os discursos que perpassam o ato de enunciar do sujeito em análise? E de acordo com tais questionamentos, ancoradas em uma perspectiva transdisciplinar, acreditamos que a ADD e a ADC, por possuírem um comprometimento político-social em intervir discursivamente nas relações sociais, são mais propensas a realizar um estudo mais atuante dos sujeitos dentro da enunciação.

Ademais, o agir responsivo que encontramos tanto na ADD quanto na ADC dá aos sujeitos o poder de agência, o que enfatiza o papel do estudioso do discurso no agir em novas epistemes que se pautem pela criticidade e ação intervencionista – posicionamento ético e engajado enquanto sujeitos sociais.

## Referências

- ALVES, A. R. C. O conceito de hegemonia de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, São Paulo, n. 80, p.71-96, 2010.
- BAKHTIN, M (V.N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec, 2004
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRAIT, B. (orga.) *Análise e teoria do discurso*. In: \_\_\_\_\_. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª ed. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 2004.
- BRITO, C. C. de P.; GUILHERME, M. de F. F. Linguística Aplicada e Análise do Discurso: possíveis entrelaçamentos para a constituição de uma epistemologia. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 17-40, 2013.
- COSTA, A.F. da; CASTRO, L. C. A noção de sujeito na abordagem discursiva de Norman Fairclough. *Signótica*, Goiás, v. 26, n. 2, p. 437-455, 2014.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-65.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2003.
- GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgas.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin - Inclassificável. v. 1)
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEDVÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* Tradução Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOITA LOPES, L. P. da. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgas.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V.2, 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 112-161.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, E. P. O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo. Conferência Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Conferência. *Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. Disponível em:  
<<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estruturas e acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.
- PIFFER, I. A. *A voz das ruas na mídia: uma análise bakhtiniana da ideologia sobre as Manifestações de Junho de 2013 em reportagens da revista ISTOÉ*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)– Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em:  
<http://3.bp.blogspot.com/Kq7TOiqa6Ig/T20B7GA5q8I/AAAAAAAAAB4I/3x1AxRkhN20/s1600/sujeito+mafalda.bmp>. Acesso em: 25 jun. 2019.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação*. Tradução Bruno Borges. Petrópolis: Vozes, 1995.

# Discursive subjects: theoretical and methodological transdisciplinarity

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicity:**

Fluxo contínuo

**Volume 4**

**Number 2**

**Received in:** 15/08/19

**Approved in:** 27/09/19

**Abstract:**

Since discourse is the place in which this subject is constituted, the present article proposes a parallel on the conception of subject in three currents of discursive approaches: Dialogical Analysis of the Discourse, French Discourse Analysis, and Critical Discourse Analysis. The objective of this study is to understand how these three approaches problematize the subject and observe their approximations and distances. In addition, this article emphasizes the importance of a transdisciplinary view in language studies that considers and revises the social changes experienced by the subjects.

**Keyword:**

Discourse. Subject. Sociological. Ideological. Transdisciplinarity